



O CAMPONÊS

ÓRGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO SUL

TRABALHADORES DOS ARROZAIS!

Vão começar os trabalhos do arroz. Preparemo-nos para conquistar melhores jornas e condições. Todos os anos se deslocam milhares de trabalhadores para as regiões de Alcácer do Sal, Coruche, Benavente, V. F. de Xira, etc. O trabalho do arroz é pesado, desumano e mal pago. Entretanto os patrões arrecadam elevados lucros.

Desde já devemos organizar a luta, discutir as jornas e condições a exigir. Não aceitemos as condições inaceitáveis dos patrões. Exijamos já de início 35\$00 para os homens e 25\$00 para mulheres e 8 horas. Recusemo-nos a trabalhar de sol a sol!

LEVANTEMOS-NOS COMO UM SÓ CONTRA A FOME! TRABALHO PARA TODOS OU VAMOS EM MASSA BUSCAR O COMER ONDE O HOVER

TRABALHADORES! — Nas cidades, vilas e aldeias do Alentejo e Ribatejo há dezenas de milhares de operários agrícolas, homens e mulheres, sem trabalho e gemendo com fome! A 5 DE JANEIRO, NO BAIRRO DOS CANAVIAIS (ÉVORA), MUITOS TRABALHADORES, COM AS SUAS FAMÍLIAS CHORAVAM COM FOME! Sim, chora-se nas vilas e aldeias do Alentejo com fome! É esta uma realidade do quadro negro da nossa situação.

Não aceitamos o desemprego de braços cruzados! A fome e o desemprego que flagela os nossos lares é fomentada pelos grandes agrários e pelo governo de Salazar. São eles os causadores do nosso sofrimento. Eles querem nos matar à fome. Despedem-nos, negam-nos trabalho, não há um subsídio e nós não temos outro meio para vivermos senão do aluguer dos nossos braços. Ninguém nos vai levar o pão a casa. Não podemos viver sem trabalhar. A garantia de trabalho é uma condição para podermos viver. Não vamos pedir esmola que é uma humilhação!

Ante nós está este dilema: Ou morrer de fome ou nos levantarmos num poderoso movimento por trabalho, por pão e pela liberdade.

Alarguemos e reforçemos muito mais a nossa organização, a unidade e a acção. Façamos largas reuniões com todos os desempregados; estabeleçamos contacto com outras localidades e organizemos acções combinadas de todas as terras, junto das Casas do Povo, das Câmaras, Juntas, GNR, I. N. T., Governadores Civis, etc. Marchemos pelas ruas com as nossas famílias gritando: Temos fome! Queremos trabalho! Vamos todos buscar o comer onde o houver!

ACCÕES E MAIS ACCÕES

Os trabalhadores de algumas localidades indicam o caminho.

MONTEMOR-O-NOVO — A 10 de Dezembro concentraram-se na Casa do Povo 150 trabalhadores reclamando trabalho. Como aqui não resolveram nada, uma comissão de 20 foi à Câmara exigir solução do problema. Foi-lhes dito que estavam a tratar do assunto. No dia seguinte voltaram a concentrar-se. Dia 17 do mesmo mês concentraram-se de novo 180 trabalhadores exigindo firmemente trabalho para todos. Nesse dia foram distribuídos 100 para a estrada a 22\$00 e 8 horas. No outro dia concentraram-se de novo os restantes que foram também distribuídos com as condições dos primeiros.

ÉVORA — A 8 de Janeiro concentraram-se junto do Governador Civil, cerca de 200 operários agrícolas reclamando trabalho e ex-

que se encontravam. Os trabalhadores disseram ao José Mira que voltariam ali se a sua situação não fosse resolvida.

ESCOURAL — Em meados de Novembro concentraram-se 50 trabalhadores na Casa do Povo exigindo trabalho. Em Dezembro concentraram-se 70. Foram distribuídos para a estrada 30. No fim da semana foram despedidos e metaram os outros 40. A luta continua.

LAVRE — Em fins de Outubro juntaram-se na Casa do Povo 75 trabalhadores exigindo trabalho. Foi-lhes dito que isso era com a Câmara e não arranjaram trabalho. É preciso continuar a luta, trabalhadores!

ALCÁÇER DO SAL — Em princípio de Dezembro, concentraram-se na Câmara, 5 dias seguidos, mais de 200 operários agrícolas, exigindo trabalho para todos. O Presidente da Câmara, Dr. Carlos Xavier, dizia que não podia resolver nada e mandava-os para a Ca-

sa do Povo. Os trabalhadores gritavam: «Ou nos dão trabalho, ou agimos de outra maneira!»

Ao fim de 3 dias de luta, foram quase todos distribuídos para a estrada e outros para a Herdade de Palma.

GRÂNDOLA — Os trabalhadores, 30, 20 e 18, concentraram-se na Casa do Povo reclamando trabalho. Como aqui nada resolveram, dirigiram-se à Câmara e depois à GNR. Os trabalhadores disseram à GNR que desejavam trabalho ou então iam às pinhas. O Sargento respondeu que era proibido. «Então vamos roubar outra coisa», responderam os trabalhadores. Forçados pela luta, no dia seguinte, abriram trabalho para estrada a 23\$00 e 8 horas.

Lutemos decididamente: Ou trabalho, ou subsídio, ou vamos todos abertamente buscar o comer onde o houver.

BEM UNIDOS E ORGANIZADOS, VENCEREMOS!

SAUDAÇÃO

Ao entrar no ano de 1963 «O CAMPONÊS» sauda todos os seus amigos, todos os que trabalham a terra e lutam contra a ditadura fascista e pela Democracia. Sauda igualmente todos os trabalhadores e todos os patriotas que foram presos em 1962 e souberam guardar fidelidade à Causa do povo. «O CAMPONÊS» presta homenagem aos dois heróicos mineiros de Aljustrel, assassinados a 28/4/62 pela GNR daquela vila.

As heróicas acções de 1 e 8 de Maio, as lutas dos estudantes, o 31 de Janeiro no Porto, a heróica luta de 200 mil operários agrícolas do Sul que conquistaram as 8 horas, etc., caracterizam o ano de 1962 como o ano de maiores acções contra a ditadura fascista de Salazar.

Na situação internacional as forças da Paz e do Socialismo conquistaram importantes vitórias no campo político, económico, científico e contra as forças da guerra. «O CAMPONÊS» apela para todos os operários agrícolas do Sul, para todos os que desejam a liberdade e a Democracia, a fazerem do ano de 1963, um ano de maiores acções contra o fascismo.

Para isso é necessário alargar e intensificar a luta pelo Pão, pela Paz, pela Democracia; é necessário alargar e intensificar o trabalho de organização dos trabalhadores. **CRIEMOS CENTENAS DE COMISSÕES DE UNIDADE!**

Viva a unidade e acção dos trabalhadores!
Por um ano de maiores acções contra Salazar!

CRIEMOS UMA LARGA REDE de Comissões de Unidade

Operários agrícolas do Sul! A nossa força assenta na UNIDADE e na ORGANIZAÇÃO. A nossa classe é a mais numerosa ao Sul do Tejo: somos cerca de 350 MIL. O maior número concentra-se no Alentejo e Ribatejo. Unidos e organizados constituímos uma poderosa força na luta para o derrubamento do fascismo.

«O CAMPONÊS» chama todos os seus amigos, todos os trabalhadores do campo a redobrar os esforços para a formação de centenas de Comissões de Unidade em todo o Alentejo e Ribatejo. No desprezo pelo trabalho de organização reside a maior fraqueza da nossa luta que é necessário vencer rapidamente. A organização dos

trabalhadores não se realiza espontaneamente. É preciso organizá-la. Esse papel cabe aos trabalhadores mais combativos e mais conscientes da classe.

O operariado agrícola do Sul conta com uma rica experiência de luta. Tem lutado activamente por pão e trabalho, pela paz e pela Democracia. Em Maio de 1962 deram um magnífico exemplo de unidade e de combatividade: 200 MIL trabalhadores conquistaram as 8 horas.

Aos trabalhadores agrícolas do Sul cabe um papel de primeira importância na luta para o derrubamento da ditadura fascista. Para

(continua na 2ª pag.)

AMNISTIA! AMNISTIA!

Muitas centenas de patriotas sofrem nas masmorras fascistas somente por amarem a Liberdade, a Democracia e o seu Povo.

A 15 e 16 de Dezembro teve lugar em Paris uma importante conferência pró-Amnistia aos presos e exilados políticos portugueses. A conferência tomou resoluções no sentido de desenvolver no estrangeiro uma larga campanha contra a repressão salazarista e fez pressão junto do governo de Salazar para conceder uma ampla amnistia aos presos políticos.

Em cada localidade devemos intensificar a luta pela amnistia. Do Couço foram enviadas 50 cartas ao Presidente da República exigindo amnistia. Nesta terra, em Aljustrel, Brinches, Pia, Grândola, foram feitas inscrições reclamando amnistia aos presos políticos.

Alarguemos e intensifiquemos estas acções! Formemos dezenas de comissões e recolhemos milhares de assinaturas exigindo uma ampla amnistia política!

ALERTA

Camponeses de Grândola!

Há nesta vila umas terras que os camponeses trabalham há dezenas de anos. Têm sido deixadas de pais para filhos. Estas terras são duns senhores ricalhaços que os camponeses ainda não viram.

umas terras foram alugadas com escritura por 30 anos e outras a longo prazo. A Câmara recusou-se a receber a contribuição das primeiras. Das segundas, o homem encarregado, também deixou de as receber. Isto coincide com a visita dum engenheiro às terras que disse que as rendas estão baixas e se agora não passarem outra escritura os camponeses perderiam o direito à terra!

CAMPONESES! Os fascistas preparam-se para vos roubar as terras! Organizai-vos e não deixeis roubar as terras que vos pertencem.

Lutai unidos e firmemente para que essas terras passem para o vosso nome! Unidos, Venceis!

SOLIDARIEDADE

A luta dos trabalhadores e do povo português contra a ditadura fascista de Salazar tem cada vez um maior apoio e simpatia dos trabalhadores de todo o mundo.

A FEDERAÇÃO SINDICAL MUNDIAL, em face da intensificação do terror salazarista, enviou de novo a sua Solidariedade material às vítimas da repressão fascista em Portugal.

«O CAMPONÊS» agradece calorosamente a FEDERAÇÃO SINDICAL MUNDIAL a sua afectuosa solidariedade prestada à luta do nosso povo.

LEITOR AMIGO!

AUXILIA O TEU JORNAL — «O CAMPONÊS» — COM UMA, DUAS HORAS, MEIO DIA, OU UM DIA DE TRABALHO.

A REPRESSÃO FASCISTA É UM ACTO CRIMINOSO CONTRA O POVO

No nosso país os trabalhadores sofrem a repressão mais brutal. O objectivo dessa repressão é intensificar a exploração, a pilhagem e a opressão para enriquecer cada vez mais meia dúzia de grandes capitalistas. É para aumentar os lucros destes exploradores que a FIDE, a GNR, a PSP, etc, perseguem, prendem, batem e assassinam. Nos países socialistas ainda não há exploração do homem pelo homem, não há repressão contra os trabalhadores. A repressão constitui um crime contra a vida do povo e de quem trabalha.

Continuam a chegar nos informações de actos de bandidismo praticados pelos fascistas.

COUÇÓ — O agrário fascista, António Maria, largou 4 toiros bravos, já picados, na herdade do Engall pôs 2 de cada lado da Ribeira do Sorraia. Os toiros atiraram-se às pessoas como feras. Este acto criminoso é feito com o propósito de que os trabalhadores não vão para dentro da herdade. A presença das feras constitui um sério perigo para a vida das pessoas. Povo do Couçó! Concentrai-vos, ide às autoridades e exige a saída imediata dos toiros. Se não fordes atendidos, **MATAI OS TOIROS!**

PIAS — Um empregado da C.P.

CRIEMOS UMA LARGA REDE DE COMISSÕES DE UNIDADE

(continuação da 1.ª pá.)
que os trabalhadores defendam victoriosamente as suas reivindicações diárias, para que passem a formas superiores de luta por pão e trabalho, por direcções honestas nas Casas do Povo, pela terra, pelo derrubamento do regime fascista e pela conquista da liberdade, é necessário **alargar e reforçar muito mais a sua organização.**

CENTENAS DE COMISSÕES DE UNIDADE!

É na formação de centenas de comissões de unidade que abarcuem as principais localidades do Alentejo e Ribatejo que assenta a organização e a unidade do operariado agrícola do Sul. O que é preciso fazer para isso?

Em cada localidade do Alentejo e Ribatejo deve ser formada uma Comissão local. Esta Comissão deve formar outras Comissões na terra. Das localidades onde há comissões formadas deve enviar delegados às terras onde não há para ajudar a organizá-las. Em cada região deve ser formada uma Comissão Regional que abarque várias localidades, chamando a essa Comissão um delegado das Comissões Locais.

No Alto e Baixo Alentejo, no Alentejo Litoral e no Ribatejo devem ser formadas uma Comissão Provincial em cada. Estas Comissões Provinciais devem ser formadas com delegados das Comissões Regionais ou Distritais.

Na base destas Comissões Provinciais deve ser formada uma Comissão Inter-Provincial que ligue todo o Alentejo e Ribatejo.

Todas as Comissões devem ter a sua própria, devem reunir e discutir regularmente os problemas mais vivos dos trabalhadores. Deve procurar ouvir o sentir das massas, o que elas pensam e querem. A actividade das comissões deve estar intimamente ligada à vida dos trabalhadores.

Fazer reuniões com eles discutir os seus problemas e dirigir a sua luta. Tais são as nossas grandes tarefas de organização e unidade da classe.

seguiu pela via às 22 horas e encontrou-se com a GNR. O cabo, António Silva, sem fazer qualquer pergunta ao homem, atira-lhe um forte muro, lançando-o pelo aterro!

MONTEMOR-O-NOVO — A GNR multou uns rapazes por estarem a fazer um baile. E disse-lhes que não queria ajuntamentos porque era deles que nasciam muitas coisas!

Por todo o Alentejo e Ribatejo a GNR desenvolve uma repressão intensa, enfiando-se à beira dos caminhos; assalta as pessoas a qualquer hora e em qualquer sitio; identifica, prende, espanca, etc.

Punhamos um freio ao terror fascista!

LUTEMOS CONTRA A GUERRA COLONIAL

O povo português é cada vez mais sacrificado com a criminoso guerra colonial que queima 20 mil contos por dia e rouba dezenas de milhares de vidas da nossa juventude. Esta guerra é um cancro na vida do país.

Eis alguns crimes dos monstros colonialistas e militaristas praticados em Angola que caracterizam bem a natureza da política colonialista de Salazar.

O **CAPTÃO LEANDRO**, nos interrogatórios, escreve com a ponta de um canivete, nas costas dos presos, a palavra, **UPA!**

O **CAPTÃO AZILHÃO**, matou 250 Angolanos como paga por ter perdido três soldados e cortou a cabeça a outros para servir de aviso! O **ALFERES DUQUE**, enterra os

presos vivos, deixando-lhes um braço de fora com uma laranja na mão para a ver ser espremida com a agonia da morte!

O **ALFERES ROBLES**, gosta de ser ele próprio a executar os seus crimes e de tomar as refeições com a mesa ornamentada com cabeças de Angolanos!

O **ALFERES ESTEVES PINTO**, obriga os prisioneiros a engolir gasolina e balas e depois abre-lhes o estômago dizendo: «Dá cá isso que pertence ao Estado»!!! Enterra o sabre na barriga dos patriotas e diz: «Guarda aí que a minha mãezinha não gosta de me ver com armas»!!

São estes e outros monstros que os salazaristas chamam «heróis» e condecoram como «patriotas». Eles são autênticos criminosos e devem ser julgados como tal.

Mobilizemos todos os jovens em idade de irem para a tropa esclarecendo-os, ajudando-os a tomarem posição aberta contra a guerra, a tomarem uma posição de solidariedade e de patriotismo para com os povos das colónias, recusando-se em massa a partir para a guerra colonial.

Escrevamos por todo o lado:
Abaixo a guerra colonial!

Independência para as colónias!

Nem mais um soldado para a guerra!

PROPAGANDA BARATA...

«O SÉCULO» de 4/12/62 fala em letras gordas de um grande plano de rega para o Alentejo: 5 milhões e meio de contos; 170 mil hectares de regadio; 23 grandes barragens e 73 pequenas; 9 mil quilómetros de canais, etc, tal é o plano apresentado!

A primeira vista pode parecer que se está num país progressivo e em pleno desenvolvimento, mas na realidade, não deixa de ser significativo o momento em que Salazar aparece a agitar tal plano. Ele fá-lo após as grandes lutas dos 200 mil trabalhadores que conquistaram as 8 horas; ele fá-lo numa altura em que presente crescer o descontentamento dos que trabalham a terra. Os salazaristas sentem a necessidade de enganar, criar esperanças e pôr água fria na fervura.

Os governantes salazaristas são férteis em planos. Há 36 anos que andam a fazer planos, mas a vida daqueles que trabalham a terra é cada vez mais difícil.

Construíram-se as barragens do Maranhão e de Montargil. Os do vernantes fizeram grande barulho à sua volta. Entretanto as águas destas duas barragens estão paradas, a área regada é a mesma que antes da sua construção.

Como é possível realizar grandes obras de fomento se o governo de Salazar é a expressão dos grandes monopólios, inimigos do progresso? Se Salazar gasta 20 mil contos por dia na guerra de Angola? Se Salazar faz empréstimos ao estrangeiro de milhões de contos para queimá-los na guerra? Se Salazar põe em primeiro lugar as despesas militares, que em 1963 atingirão 4 milhões e 300 mil contos com os «compromissos internacionais», como explica no Orçamento para este ano?

Senhores salazaristas! A vossa propaganda é falsa e hipócrita. Ela tem um único objectivo: enganar o povo para esconder a exploração e os lucros colossais dos exploradores. Os vossos planos são planos de fome, de exploração, de opressão e de atraso!

AS NOSSAS LUTAS

O caminho da luta é o caminho da vitória. Quando lutamos unidos e organizados vencemos.

PIAS — Mais de 100 pessoas começaram a apanhar azeitona de empreitada a \$55 o quitão. A grande maioria dos outros trabalhadores não queriam empreitadas. No decorrer da semana os empreiteiros foram criticados pelos seus companheiros. Apareceram inscrições: «Abaixo as empreitadas! Nada de empreitadas!» No fim da semana, todos os empreiteiros tinham desistido. A força da maioria tem grande poder sobre a minoria. Belo exemplo a seguir!

BENAVILA — Um rancho de 40 mulheres que apanhavam azeitona na herdade de Chafariz, fizeram greve, exigindo mais 4\$00 a jornada e mais 1\$00 os 50 litros de empreitada. Conseguiram a vitória. Os homens que espalhavam adubo a 2\$00, animados por esta luta, exigiram mais 5\$00 e conseguiram-nos.

40 mulheres que apanhavam bolota por conta do agrário Moura Nunes, exigiram mais 2\$00 os 50

litros e os sacos tirados para fora da seara por conta do patrão. Alcançaram a vitória. O agrário só queria dar 6\$00 os 50 litros e os sacos tirados à conta das mulheres.

ESTREMOZ — Na herdade do Justino Romeiras, os carreiros recusaram-se a trabalhar de madrugada. Ou pegavam ao nascer do sol e despejavam ao pôr ou as 8 horas. O agrário cedeu. Ficaram a trabalhar de sol a sol.

Os carreiros do agrário Joaquim Bouto, recusaram-se a trabalhar as gavelas (um bocado ao domingo).

SOUSEL — No lugar do Santos e Gonçalves, os lagareiros tinham 30 minutos para fazer limpeza. O patrão roubou-lhes 15 minutos. Os trabalhadores decidiram deixar a limpeza em meio. O patrão foi forçado a recuar e dar a meia hora para limpeza.

MONTEMOR-O-NOVO — Na estrada Montemor-Arraiolos, o empregado baixou a jornada de 28 para 22\$00. Os trabalhadores como protesto começaram a fazer «cera». Avante por novas acções!

LUTEMOS POR MELHORES JORNAS NAS MONDAS

Preparemo-nos para jornadas mais elevadas nas mondas. Todos nós sabemos das nossas necessidades, das nossas dívidas e da miséria que temos em casa. Por isso, não podemos aceitar as jornadas de fome que os patrões pretendem oferecer. Cada um de nós deve saber elevar o preço da mercadoria que vende aos agrários — a nossa força de trabalho. É do preço desta mercadoria que comemos, que vestimos e que criamos os nossos filhos. Não temos outros rendimentos senão a venda da nossa força de trabalho.

«O CAMPONÉS» chama todos

Um exemplo de valentia!

Quando se trata de homens, mulheres ou jovens corajosos, honrados, que guardam uma verdadeira fidelidade à Casa do povo, têm uma certeza na vitória e que a razão e a justiça estão do seu lado, do lado do povo, a polícia não tem meios nem autoridade para os fazer falar. Os que falam na polícia são os cobardes, os fracos. O caso da Maria Custódia Chirante, comerciante da aldeia do Couçó, é um exemplo da coragem e da honradez a seguir por todos os presos, que amam o povo e a liberdade.

Maria Custódia foi cruelmente torturada pela PIDE. Foi presa no madrugada da 27 de Abril de 1962 por agentes da FIDE e prazos da GNR e levada para Caxias. Aqui foi-lhe feito um auto o qual se recusou a assinar. A PIDE obrigou-a que eu assinasse ou os ossos seriam-lhe destruídos. Foi torturada num interrogatório de 93 horas. As mulheres policia, Odete e Madalena e o chefe Silva Caralho, espancaram-na a «casseteta», a soco, a pontape, com a mão de cutelo, joelhadas nas costas, durante horas.

Maria Custódia recusou-se a comer como protesto contra a tortura do sono. A polícia tentou obrigá-la a comer, mas não conseguiu. Tinha o corpo todo negro, os braços e as pernas paralizados com tanta pancada.

os homens e mulheres que vão à monda a lutarem por 30\$00 para homens, e 20\$00 para mulheres e 8 HORAS de trabalho.

A grande arma dos trabalhadores para defender os seus interesses é a UNIDADE, a ORGANIZAÇÃO e a LUTA FIRME. Sem esta arma não podemos defender victoriosamente as nossas reivindicações e lutar com êxito contra os exploradores do nosso suor.

Façamos reuniões, juntemo-nos nas praças de jornal, nas casas do povo e combinemos, em cada terra, as jornadas e condições a pedir. Avante por melhores jornadas!

Foi deixada num colchão na sala de tortura. Passadas algumas horas é sentada no colchão, encostada à parede e assim de novo interrogada.

A polícia acusava-a de pertencer ao Partido Comunista. Maria Custódia sempre respondeu com firmeza que não tinha nada a dizer, que não respondia, que não pertencia a nada. Foi levada para Caxias em braços onde esteve bastantes dias doente e sem poder andar.

Maria Custódia foi chamada a novos interrogatórios, espancada, mas sempre se recusou a responder e a assinar autos.

Esta valente mulher do povo, esteve 5 meses e meio impedida de ter visitas de sua família, de receber jornais ou livros.

No dia 11 de Outubro é posta em liberdade, mas antes de sair é chamada à PIDE. Aqui foi-lhe dito que, se quisesse ir embora tinha que assinar os autos. A Maria Custódia nam respondeu. O Silva Caralho furioso, espancava-a.